

## “PARAR SIGNIFICA EXIGIR NOSSOS DIREITOS!”

Renato Fernando da Silva Gimenes<sup>1</sup>  
Nilson Roberto da Silva Gimenes<sup>2</sup>

**Resumo:** *O artigo analisa a precarização do trabalho no setor da construção civil em Salvador. Para tanto, é necessário compreender o moderno processo de industrialização baiano, décadas de 1960 e 1970, pois, tal processo conferiu particularidades à instabilidade ocupacional vivenciada pelos operários da construção. As altas taxas de desemprego representavam uma realidade bem transparente para os pertencentes da construção civil. Em 1997, mais de 55% dos 38 mil operários do setor estavam desempregados na Bahia. O elevado número de acidentes do trabalho constituiu-se outro dilema dos trabalhadores da construção. O desgaste físico, consequência da longa jornada de trabalho, e a rotatividade da mão-de-obra, sinal das novas realidades do capitalismo contemporâneo, contribuíram para o aumento do cenário de precariedade. Os trabalhadores enfrentaram tal quadro com estratégias cotidianas e “explosivas”. Com o auxílio do sindicato da categoria, foram instaladas salas de aula para os operários obterem uma instrução formal, além de treinamentos para os da construção civil melhor direcionar-se nos problemas diários do trabalho. Porém, as tensões na relação “capital e trabalho” ocasionaram em uma greve de três dias em fevereiro de 1997. A greve foi uma “explosão” diante da precarização do trabalho e representou um momento especial na trajetória dos trabalhadores envolvidos, pois os mesmos externaram uma mentalidade reivindicadora de direitos.*

**Palavras-chave:** Precarização do trabalho; Construção civil; História presentificada.

### 1. INTRODUÇÃO

O artigo objetiva analisar a precarização das condições de trabalho no setor da construção civil em Salvador. Esse cenário de precariedade gerou uma greve de três dias em fevereiro de 1997 na capital baiana. A greve revelou processos de tomada de consciência dos trabalhadores sobre a necessidade de lutar pelo direito à cidadania.

Faz-se necessário dissertar brevemente sobre o moderno processo de industrialização baiano, sob as égides da Petrobras e da Sudene, pois essa industrialização conferiu peculiaridades à instabilidade ocupacional vivenciada pelos pertencentes do setor da construção civil.

O jornal “A Tarde” foi utilizado como fonte histórica na produção do artigo. O portal do “A Tarde On Line” também foi utilizado na pesquisa. Esse portal contém uma ferramenta de busca de matérias. Tal recurso tem ajudado bastante na coleta de fontes, além de ter tornado possível a “colocação em série”, método explanado por Paul Veyne. Tal método consiste, entre outras coisas, em “recolher todos os empregos de uma palavra dada nos textos conservados” (BANCHER, 2003, p. 45).

---

<sup>1</sup> Estudante de História (Bacharelado/ Licenciatura) do 8º Semestre da Universidade Católica do Salvador. Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Federal da Bahia E-mail: [renato.gimenes@hotmail.com](mailto:renato.gimenes@hotmail.com)

<sup>2</sup> Orientador – Professor da UNEB e da UNIME, Mestre em Direito Público pela Universidade Federal da Bahia.

## 2. O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO BAIANO NOS ANOS 1960 E 1970

Francisco de Oliveira analisou a industrialização na Bahia sob as égides da Petrobras e da Sudene. Além dos papéis vitais exercidos pela Petrobras e Sudene, a ligação Rio-Bahia contribuiu muitíssimo para o escoamento dos produtos das indústrias do Centro-Sul, consolidando o colapso de uma pequena indústria baiana remanescente de fins do século XIX.

Tal industrialização teve como marcos a Refinaria Landulfo Alves e as instalações do Centro Industrial de Aratu (Simões Filho) e do Pólo Petroquímico de Camaçari. Outra questão importante levantada por Oliveira é a centralidade do processo girar em torno do setor de bens intermediários. Tal característica está relacionada com a problemática da formação de um *mercado nacional*. O Estado desempenhou papel central no processo de industrialização e de estabelecimento de relações de classe através da produção direta ou do financiamento da acumulação do capital (OLIVEIRA, 1987, p.15).

A centralização estatal na produção de certos bens e serviços influenciou grandemente as dinâmicas das ofertas de salários e do corporativismo. (OLIVEIRA, 1987, p.61) A massa de salários incrementada com a Petrobras ocasionou uma forte dinâmica na indústria de construção civil e de seus materiais. A estatal também movimentou a economia local com a realização de compras de diversos materiais para serem insumos na cadeia produtiva.

O comércio “sentiu”, por assim dizer, o impacto da Petrobras na região. Os caminhos das compras e do comércio possibilitavam que as Cidades Alta e Baixa presenciassem todos os tipos humanos na década de 1960. (ARAÚJO, 1995, p. 73) O poder de barganha da Petrobras na economia do estado promoverá indiretamente até novos costumes carnavalescos. Araújo comenta a antiga popularidade dos “Mercadores de Bagdá” no centro e no Pelourinho com a figura do petroleiro, do “negro rico” que trabalhava e fazia questão de “luxar” vestido de Ali Babá. Popularidade devida também à imagem da prosperidade, da riqueza que os grupos menos abastados queriam alcançar (ARAÚJO, 1995, p. 79).

A estrutura da indústria baiana em fins do século XX continuava fortemente ligada às atividades produtivas da Petrobras. Em 1998, a estatal detinha 28% do controle acionário da Deten, uma empresa do Pólo Petroquímico que planejava investir 100 milhões de reais em uma nova unidade. O insumo indispensável para a empresa do Pólo “sobreviver” era fornecida pela Petrobras. Essa dependência não está restrita apenas à Deten, mas a todo o complexo de indústrias petroquímicas e químicas da Bahia <sup>3</sup>.

O processo de industrialização baiano também gerou novas hierarquias. O setor da indústria de bens intermediários não dissolveu formas pré-capitalistas na Bahia. Até mesmo utilizou antigas relações sociais para extração de maiores margens de lucro. A representação de tal fenômeno é o aumento do chamado trabalhador autônomo e do subemprego. Tal processo verificado, de não-dissolução de formas pré-capitalistas na Bahia com a hegemonia do setor industrial de bens intermediários, corrobora uma conclusão que está sendo grandemente compartilhada pelos historiadores do capitalismo: a evolução desse sistema é, em si mesma, uma evolução mista, ou seja, o capitalismo utiliza materiais preexistentes (pré-capitalistas), adaptando-os, mas também sendo por eles moldado (HOBSBAWM, 1998, p. 181).

O impulso que a industrialização produziu sobre o terciário provocou, entre outras coisas, o aumento da concentração de renda. O processo concentracionista da renda ocasionou a pressão do exército de reserva sobre a oferta de empregos e a ausência de um contra-poder sindical (OLIVEIRA, 1987, p. 61). Outra particularidade do processo relaciona-se com as

---

<sup>3</sup> Biblioteca Pública do Estado da Bahia, Seção Jornais e Revistas, A Tarde, Economia, 12/03/1998, p. 06. **Deten investirá R\$ 100 mi em nova unidade.**

mulheres soteropolitanas que não trabalhavam fora do âmbito doméstico. As mesmas eram estrategicamente consideradas como enorme contingente de reserva pelas indústrias de bens intermediários (OLIVEIRA, 1987, p. 55).

As grandes empresas do Centro-Sul e do exterior, que vieram para Salvador e Região Metropolitana através dos subsídios fiscais da Sudene, não levaram consigo os burgueses. Os burgueses não aparecerão no processo cotidiano de industrialização baiano, mas as “classes médias” de funcionários tecnoburocratizados assumirão tal papel, inclusive e principalmente nas empresas estatais. Isso dificultará o processo de reconhecimento social no contexto das relações de classes. Outro fator que complementarizará o processo de não-identidade é a ideologia exposta pela Sudene de “ajudar o Nordeste”, negando qualquer tipo de antagonismo advindo com o novo cenário (OLIVEIRA, 1987, p. 75).

### **3. A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL E AS ESTRATÉGIAS COTIDIANAS E “EXPLOSIVAS” DOS TRABALHADORES PARA ENFRENTAR TAL PROCESSO**

Um grupo ocupacional que se “vira” para não se desocupar e que merece atenção dos cientistas sociais são os empregados da construção civil, incluindo os muitos jovens que trabalham como ajudantes e tantas outras atividades. Vilmar E. Faria comenta que no ano de 1971, 85% da população economicamente ativa empregada nos setores não-primários da Região Metropolitana de Salvador encontravam-se empregados na construção civil e outros ramos do setor terciário. (FARIA, 1980, p. 24). Tinha-se (e ainda tem) uma parcela considerável da mão-de-obra soteropolitana e adjacência empregada em atividades de alta instabilidade ocupacional. Tal instabilidade confere particularidades nas construções de alternativas de toda a população soteropolitana (jovens ou não).

A construção civil é um setor econômico em que a instabilidade ocupacional é mais transparente. Segundo Brito, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção e da Madeira no Estado da Bahia (Sintracom), mais de 55% dos 38 mil operários da construção civil estavam desempregados na Bahia em 1997. A Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílio (Pnad) do IBGE indicou que este foi o setor da economia baiana que mais demitiu nos anos anteriores a 1997<sup>4</sup>. Outro problema que afeta os empregados da construção civil é o elevado número de acidentes do trabalho. Brito disse ao “A Tarde” em 1999 que a maioria dos acidentes nos canteiros de obras decorria da negligência das empresas de construção civil em fornecer os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs). Existem casos que a empresa fornece o equipamento, porém, não exige o uso do mesmo pelo trabalhador. Tais dados evidenciam uma falta de políticas em prol da segurança do trabalho por parte das empresas do setor da construção civil<sup>5</sup>. Uma solução para diminuir a instabilidade e o número de acidentes do trabalho foi proposta pelo CREA ao Ministério do Trabalho e ao INSS em 1994. Trata-se da criação de contribuições diferentes de seguridade social para as empresas “palcos” de acidentes.

---

<sup>4</sup> **Bahia tem elevado número de acidentes na construção civil.** In:

<<http://www3.atarde.com.br/jornal/local/interna.jsp?xsl=noticia.xml&xml=NOTICIA/1997/03/20/360098.xml>>.

Acesso: 13/02/2007.

<sup>5</sup> **Acidentes na construção civil mataram 7 este ano.** In:

<<http://www3.atarde.com.br/jornal/local/interna.jsp?xsl=noticia.xml&sml=Noticia/1999/10/22/490136.xml>>.

Acesso: 13/02/2007.

Isso envolveria também uma escala de contribuições, que seria aumentada se a empresa fosse reincidente <sup>6</sup>.

Os programas de implantação da qualidade afetaram até o setor da construção civil. Porém, devido ao baixo índice de escolarização dos operários, 70,2% dos trabalhadores da construção civil possuíam o primeiro grau incompleto em 1997 na capital baiana, as tentativas de implantação dos programas não obtiveram maiores eficácias. O Serviço Social da Indústria (SESI) e o Sindicato da Indústria da Construção Civil (Sinduscon) têm instalado salas de aula nos canteiros de obras para facilitar o acesso do trabalhador do setor à instrução formal. Entretanto, tal iniciativa não tem ocasionado em resultados almejáveis. O grande desgaste físico, marca da jornada de trabalho do empregado da construção civil, desestimula e dificulta o desempenho dos operários para a realização de atividades intelectuais. A rotatividade da mão-de-obra, característica principal da administração de pessoal empreendida pelas empresas do setor, e a distância da sala de aula do local de residência são outros fatores propulsores do afastamento dos trabalhadores dos cursos <sup>7</sup>.

A força de trabalho utilizada pela construção civil em Salvador é oriunda principalmente da zona rural, conseqüência das migrações do interior para a capital do estado. Os ofícios exercidos na construção civil em Salvador guardam os signos do tradicionalismo e imprevisibilidade. A escolha da profissão ocorre, na maioria dos casos, no próprio canteiro de obras e é através da transmissão de conhecimentos tradicionais de um colega mais experiente para um “novato” ou até mesmo por meio da empatia do encarregado ou mestre-de-obras em relação a um trabalhador, que o operário pode ascender-se no setor. A imprevisibilidade é algo concreto para 92,6% dos operários da construção. Os mesmos iniciam a atividade ocasionalmente como servente <sup>8</sup>.

Os baixos salários e a longa jornada de trabalho dos empregados (jornada acrescida de três ou quatro horas extras “obrigadas” pelas empresas), aliados com a resistência dos patrões em negociar as reivindicações trabalhistas, levaram os da construção civil a deflagrar greve por três dias em fevereiro de 1997. Logo no primeiro dia de greve, 21/02/1997, os trabalhadores paralisaram inúmeros canteiros de obras em Salvador, angariando grande adesão de classe. Outros canteiros, porém, só foram paralisados com a chegada do sindicato da categoria. Houve tensão no bairro Costa Azul, onde tropas da Polícia Militar “guardaram” o canteiro da obra da Biblioteca Thales de Azevedo. Segundo sindicalistas, algumas ações dos policiais foram violentas, apesar do movimento grevista ser pacífico. O pedreiro Leocádio de Gerônimo, que presenciou o incidente no Costa Azul, disse ao “ATarde” que parar significa “uma forma de exigir nossos direitos” <sup>9</sup>. Percebe-se pela opinião de Leocádio uma maior conscientização dos trabalhadores acerca do conceito de cidadania e atuação política na sociedade.

---

<sup>6</sup> **Construção civil sem fiscalização técnica é atividade de risco.** In:

<<http://www3.atarde.com.br/jornal/local/interna.jsp?xsl=noticia.xml&xml=NOTICIA/1997/04/13/365540.xml>>.  
Acesso: 13/02/2007.

<sup>7</sup> **Construção civil é frágil e utiliza métodos arcaicos.** In:

<<http://www3.atarde.com.br/jornal/local/interna.jsp?xsl=noticia.xml&xml=NOTICIA/1997/11/02/399885.xml>>.  
Acesso: 13/02/2007.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> **Negociações não avançaram e greve continua.** In:

<<http://www3.atarde.com.br/jornal/local/interna.jsp?xsl=noticia.xml&xml=NOTICIA/1997/02/22/355852.xml>>.  
Acesso: 13/02/1997.

## 4. CONCLUSÃO

Altas taxas de desemprego na construção civil, longas jornadas de trabalho, instabilidade ocupacional e elevado número de acidentes de trabalho levaram os operários soteropolitanos a deflagrar greve em fevereiro de 1997.

Analisar as estratégias dos trabalhadores da construção civil para enfrentar tal quadro desconsolador significa concretizar uma das principais funções do historiador, qual seja: dismantlar mitologias. Esse dismantelamento, consequência do estudo do cotidiano dos “de baixo” ao invés dos “de cima”, significa desprezar o papel de “servos dos ideólogos” (HOBSBAWM, 1998, p. 38).

## 5. FONTES

### 5.1 Impressas

#### 5.1.1 Biblioteca Pública do Estado da Bahia

. A TARDE. Salvador, 1997 a 1998.

### 5.2 Internet

**ACIDENTES NA CONSTRUÇÃO CIVIL MATARAM 7 ESTE ANO.** In: <<http://www3.atarde.com.br/jornal/local/interna.jsp?xsl=noticia.xsl&sml=Noticia/1999/10/22/490136.xml>>. Acesso: 13/02/2007.

**BAHIA TEM ELEVADO NÚMERO DE ACIDENTES NA CONSTRUÇÃO CIVIL.** In: <<http://www3.atarde.com.br/jornal/local/interna.jsp?xsl=noticia.xsl&xml=NOTICIA/1997/03/20/360098.xml>>. Acesso: 13/02/2007.

**CONSTRUÇÃO CIVIL É FRÁGIL E UTILIZA MÉTODOS ARCAICOS.** In: <<http://www3.atarde.com.br/jornal/local/interna.jsp?xsl=noticia.xsl&xml=NOTICIA/1997/11/02/399885.xml>>. Acesso: 13/02/2007.

**CONSTRUÇÃO CIVIL SEM FISCALIZAÇÃO TÉCNICA É ATIVIDADE DE RISCO.** In: <<http://www3.atarde.com.br/jornal/local/interna.jsp?xsl=noticia.xsl&xml=NOTICIA/1997/04/13/365540.xml>>. Acesso: 13/02/2007.

**NEGOCIAÇÕES NÃO AVANÇARAM E GREVE CONTINUA.** In: <<http://www3.atarde.com.br/jornal/local/interna.jsp?xsl=noticia.xsl&xml=NOTICIA/1997/02/22/355852.xml>>. Acesso: 13/02/1997.

## 6. REFERÊNCIAS

BANCHER, Flavia. **A Queda do Muro de Berlim e a Presentificação da História.** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CARVALHO, Inaiá M. M. de e SOUZA, Guaraci A. A. de. **A Produção Não-Capitalista no Desenvolvimento Capitalista em Salvador.** In: Souza, Guaraci Adeodato Alves de (org.). Bahia de Todos os Pobres. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

FARIA, Vilmar E. **Divisão Inter-Regional do Trabalho e Pobreza Urbana: o caso de Salvador.** In: Souza, Guaraci Adeodato Alves de (org.). Bahia de Todos os Pobres. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

HOBSBAWM, Eric J. **Sobre História.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, Francisco de. **O Elo Perdido: classe e identidade de classe.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Apresentação.** In: Souza, Guaraci Adeodato Alves de (org.). Bahia de Todos os Pobres. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

SINGER, Paul. **A Economia Urbana de um Ponto de Vista Estrutural: o caso de Salvador.** In: Souza, Guaraci Adeodato Alves de (org.). Bahia de Todos os Pobres. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

SOUZA, Guaraci A. A. de. **Urbanização e fluxos migratórios para Salvador.** In: Souza, Guaraci Adeodato Alves de (org.). Bahia de Todos os Pobres. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.